

A nascente

Gabriel Philipson

PÚCHKIN, Aleksandr S. *A filha do capitão e o Jogo das epígrafes*. Trad. Helena S. Nazário. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

Púchkin (1799-1837) é um verdadeiro marco da literatura. É considerado massivamente o pai da literatura russa do século XIX, pois seus romances e poemas determinam um rompimento com a arcaica produção textual russa e, ao mesmo tempo, como não se poderia deixar de esperar, significam a nascente das águas que rolaram montanha abaixo da história dessa literatura nacional de enorme protagonismo e influência mundial. Muito bem, mas, afinal, o que há de tão particular em Púchkin?

Seu último romance completo, *A filha do capitão*, é principalmente marcado por uma incapacidade do leitor em definir seu gênero. É um romance que ora flerta com o de formação, ora com o de amor; mas seria um erro não relacioná-lo também aos romances históricos e épicos. Ele todo parece marcado por certa costura aparente que salta aos olhos, como se fosse uma colcha de retalhos, evidenciada inclusive pelos próprios títulos dos capítulos e suas respectivas epígrafes. O leitor parece incitado a deixar sua posição passiva de mero espectador e (re)compor a obra. De certa maneira, é justamente isso o que Nazário faz no *Jogo das epígrafes*: se propõe a jogar o papel que cabe ao leitor da obra, ou seja, juntar e interpretar as diversas pistas, jogadas aqui e ali pelo tabuleiro, de modo que de alguma maneira constituam algum todo pleno de significado. É um jogo que trata do aparente e do oculto, do que é e do que

pode ser, claramente estimulado pela forte censura atemporal presente na Rússia. Não é de se espantar, portanto, que Púchkin tenha sido lido de formas as mais diversas, o que em grande medida é apontado no próprio título de *O meu Púchkin*, de Marina Tsvetáieva.

O primeiro encontro de Piotr Andriévitch, o narrador e principal protagonista do romance, com o experiente oficial da guarda Ivan Ivánovitch Zúrin, pode ser entendido como um episódio tardio da formação do mais novo oficial em exercício à época, o próprio Andriévitch, uma vez que se trata, segundo suas próprias palavras de narrador, da sua iniciação ao serviço. Tudo o que faz o seu novo professor, contudo, é ensiná-lo a apostar e a se embriagar. Tal contradição contida nessa passagem é sintomática da ironia em relação à “formação” do então jovem narrador. Assim, pode-se dizer que, de modo geral, os retalhos que constituem o romance se identificam em serem alvo de um certo olhar crítico debochado em relação àquilo que se espera deles.

A partir do episódio acima, se compreende que a necessidade do leitor de tomar posição na composição da obra se dá como um aprofundamento nas entrelinhas do lugar-comum que constitui o caleidoscópio do jogo proposto por Púchkin. Nada é exatamente aquilo que parece ser e o bom jogador é aquele que consegue perceber a relativização das convenções estabelecidas através da ironia e da ambiguidade; os textos de Púchkin convidam o leitor a abandonar a confortável superfície plana e mergulhar para além do *standard*. De certo modo, é o que aponta Meletínski em *Os arquétipos literários*, quando afirma que o que faz de Púchkin grande é ser o pioneiro a relativizar justamente os tais arquétipos literários incutindo-os de profundidade e especificidade.

Mária Ivanovna é a mocinha por quem Piotr Andriévitch duela contra Chvábrin e se reaproxima de Pugatchov, entre outros atos de loucura e destemor oriundos de um profundo e verdadeiro amor romântico, lembrando-nos as personagens de Julien Sorel e Sra. De Rênal. A mocinha é a filha do capitão, cuja participação de fato no enredo, apesar da honrosa posição de título do romance, é pouca: se percebe, mais uma vez, certa ambiguidade aparente das convenções estabelecidas. Entre outras questões, essa ambiguidade faz o leitor questionar – e, ao questionar, já estamos jogando – o próprio papel da figura feminina no romance e, por conseguinte, na sociedade russa, seja na época em que a história se passa (séc. XVIII), seja na época de Púchkin. O elemento familiar do título – “filha” – conjuntamente com o elemento de patente, ou militarismo – “capitão” –, formam dois dos principais polos de poder da Rússia czarista – faltando apenas o elemento religioso, o qual, aliás, praticamente não é abordado no romance. O elemento familiar é ilustrado por Púchkin no primeiro cenário da arena épica de seu romance:

os anos de formação de Piotr Andriévitch. O militarismo, o qual é destino determinado do narrador já antes de seu nascimento, pelo seu pretense estatuto honrado e fundamentalmente nobre por excelência, é representado pelo segundo cenário, a fortaleza do capitão. O título *A filha do capitão*, desse modo, metaforiza os polos conservadores do Estado despótico russo que serão abalados, ao longo do romance, pela revolta de Pugatchov. Já em outro sentido, a filha do capitão ainda espelhar-se-ia em Helena, de Homero: na versão do poeta negro, representaria a própria “russidade” – feminina como a “mãe russa” –, a qual estaria em disputa entre os polos arcaico e revoltoso.

Visto desse modo, percebe-se que a obra de Púchkin não poderia ser enquadrada tão facilmente em uma história geral da literatura simplesmente como “pós-romântica”, colocada assim lado a lado de obras como *O vermelho e o negro*: o autor do romance inauguraria, na verdade, uma vertente original da literatura mundial, a qual, graças a uma nascente tão caudalosa, ainda banharia fertilmente os campos do Espírito universal.

Outras referências bibliográficas

ALMEIDA, Paula Costa Vaz de. *O meu Púchkin de Marina Tsvetáieva*: tradução e apresentação. São Paulo: USP, 2008. Tese de mestrado em Literatura e Cultura Russa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MELETÍNSKI, E. M. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

STHENDAL. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.



Gabriel Philipson – Graduado em Filosofia pela FFLCH – Universidade de São Paulo.
gsphilipson@gmail.com